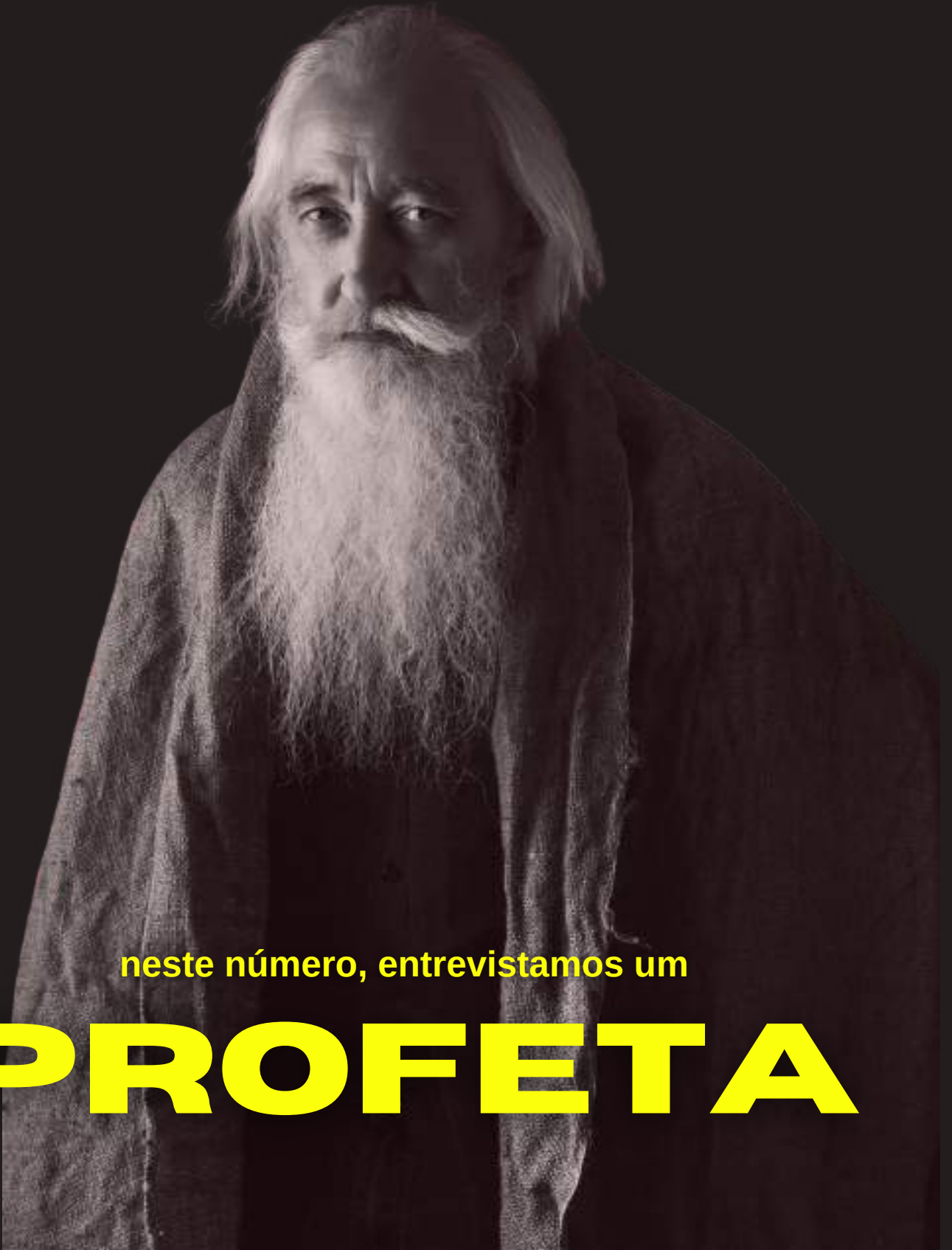


bulunga

A REVISTA QUE NINGUÉM LÊ

julho de 2025 - número 43



neste número, entrevistamos um

PROFETA

EDITORIAL

A Revista Bulunga vai completar, em breve, 2 milhões de acessos, mesmo que ninguém a leia. Já confessamos: somos nós, editores e colaboradores que ficamos clicando insistentemente no site, 24 horas por dia, para chegarmos a este número impressionante. Poderíamos escrever as maiores barbaridades, falar sobre a ditadura, a censura, a corrupção, inclusive, apontando nomes, e nada aconteceria, não por termos costas largas, mas por simples descaso das autoridades responsáveis por esses abusos, que nos ignoram por completo.

Já tentamos aplicar alguns golpes publicitários, implantando notícias bombásticas nas redes sociais, mas foi um tremendo fracasso. Só nos resta, portanto, continuar a fazer a única coisa que sabemos: literatura. Acontece que o povo brasileiro ODEIA ler. Mas acabamos de ter uma ideia: vamos cantar os nossos textos em ritmo de funk. Talvez, assim, finalmente, dê certo!

entrevista com um PROFETA

Ele é conhecido como "o Profeta" e faz muito sucesso nas redes sociais com suas previsões de curto e médio prazo, acertando quase todas. Considerado por muitos um charlatão, ele não cobra por suas consultas, mas o número de acessos nas redes sociais e produtos agregados à sua imagem faz com que acumule uma fortuna que não é declarada, mas estima-se que já passa de trezentos milhões de reais. Leia a entrevista e tire suas conclusões.



BULUNGA - Você é um profeta ou um vidente?

PROFETA - Não sei dizer. Eu vejo coisas que, depois de certo tempo, se concretizam. Mas não tenho controle sobre isso. Talvez seja um vidente.

BULUNGA - Mas todos o chamam de profeta.

PROFETA - Também não tenho controle sobre isso. Nem gosto que me chamem assim. Nostradamus era um vidente, mas todos falam sobre suas "profecias" e ninguém se liga nisso.

BULUNGA - Você deve saber que um profeta é inspirado pelo Espírito Santo, enquanto um vidente, não.

PROFETA - Sei muito bem disso.

BULUNGA - E isso não o incomoda?

PROFETA - Sim. Mas nada posso fazer a respeito.

BULUNGA - Você é um cara religioso?

PROFETA - Não. Não gosto de religiões. Na maioria das vezes, pregam a hipocrisia.

BULUNGA - Como assim?

PROFETA - A maioria dos religiosos pratica o que condena nos outros.

BULUNGA - Você não acha que vale ao menos a tentativa? Estão tentando se consertar.

PROFETA - Estão tentando parecer melhores do que os seus semelhantes.

BULUNGA - Você não pode generalizar.
Existem exceções.

PROFETA - Raríssimas exceções. Mas levo
numa boa. Não combato a crença das pessoas.

BULUNGA - Você pode citar algumas de suas
previsões mais importantes?

PROFETA - Eu previ a quebra do Banco
Bamerindus. Lembra-se dele?

BULUNGA - Aquele da música-chicletes "o
tempo passa, o tempo voa, e a poupança
Bamerindus continua numa boa..."

PROFETA - Esse mesmo. Também previ a
quebra das Lojas Arapuã, da Mesbla, das Lojas
Brasileiras. Também previ o fim da Banda
Calypso.

BULUNGA - Caraca! Então você não é um

profeta ou vidente, mas um verdadeiro pé frio!

PROFETA - Pode debochar à vontade: estou acostumado.

BULUNGA - O que você prevê a curto prazo? Para o Brasil?

PROFETA - O Brasil vai quebrar.

BULUNGA - Assim é fácil. Até eu prevejo isso. Até a minha avó morta é capaz de prever.

PROFETA - E ninguém fará absolutamente nada para evitar. Os políticos receberão bilhões em emendas parlamentares, os governadores promoverão shows com a Anitta e a Ivete Sangalo e ficará por isso mesmo.

BULUNGA - Também é previsível. O brasileiro é muito pacato. É como o sapo colocado em uma panela cheia de água, no fogo. A água vai esquentando aos poucos, até cozinhá-lo, e ele não reage. Mas essas suas previsões são muito óbvias.

PROFETA - Você está aqui para me entrevistar ou para me criticar?

BULUNGA - Ah, desculpa, vai! Não me leve a mal.

PROFETA - Prevejo que você fará muito sucesso com essa sua revista. Postumamente...

BULUNGA - Nossa, que legal! Você me deixou totalmente motivado...

PROFETA - Os prognósticos, em geral, não são nada bons. Na verdade, nunca foram. A história é marcada por tragédias e por

pouquíssimos intervalos de prosperidade.

BULUNGA - José do Egito previu que o seu povo teria sete anos de fartura e sete anos de miséria. Por sorte, acreditaram nele e fizeram provisionamentos, que os ajudaram a superar o período das vacas magras.

PROFETA - No nosso caso, não temos para onde correr. Os nossos vizinhos estão em situação pior; os Estados Unidos fecharam as suas portas; a Europa não quer nem ouvir falar em imigração; Japão, China, Rússia, Índia e Nova Zelândia, nem pensar. Se correr o bicho pega, se ficar o bicho come.

BULUNGA - O que devemos fazer com o nosso dinheiro? Comprar dólares?

PROFETA - Trump é um fanfarrão. Está jogando alto, mas pode perder. Não apostaria

todas as minhas cartas nele, ou melhor, em dólares. No caso de uma terceira guerra mundial, o mercado de ações pode degringolar. Imóveis tendem a perder o valor. Também podem ser invadidos. O ouro pode ser o único ativo a manter o seu valor, mas você não vai querer ficar circulando com quilos em barras de ouro debaixo do braço.

BULUNGA - Muito animador. Não tem nenhuma previsão boa em seu portfólio?

PROFETA - Infelizmente, não. Um ou outro caso de alguém que ganhará na loteria, mas perderá tudo em pouco tempo; casamentos fabulosos de celebridades que durarão uma temporada; mas o seu time de futebol será campeão mundial!

BULUNGA - Impossível! O Palmeiras? Nem pensar...

PROFETA - Não sabia que você era palmeirense. Estava apenas tentando animá-lo...

BULUNGA - Não precisa mentir: assim você perde a sua credibilidade. Você disse que a curto prazo o Brasil vai quebrar. Mas, e depois, daqui a 50, 100, 200 anos, nunca vai ter jeito?

PROFETA - Sinto dizer, mas este país tem uma urucubaca grande. A malandragem é a maior característica do povo brasileiro. Não todos, volto a dizer, mas um significativo número de brasileiros quer ter a sua cota de ração sem precisar trabalhar. E são esses que votam nos bandidos, mesmo sabendo que não cumprirão absolutamente nada do que prometeram.

BULUNGA - Mas esses não representam nem 25% da população. Como conseguem eleger o seu representante?

PROFETA - Uma eleição não se vence: se toma! Quem disse isso foi um grande filósofo da atualidade.

BULUNGA - Nós estamos ferrados!

PROFETA - Você é um vidente ou um profeta?



JUCA CHAVES

one man show



Jorge F. Isah

As coisas andam bastante chatas, seja aqui, seja acolá. E ter vozes destoantes é, ainda, a melhor forma de manter a sanidade e não se tornar um zumbi da causa alheia, daqueles que devoram cérebros e os re-

gurgitam para os seus líderes. Certamente, precisamos, cada vez mais, de artistas como Juca Chaves, jamais aprisionado em uma engrenagem política, ideológica, a bradar slogans primitivos como flatos de hipopótamos.



Nascido em 1938, no Rio de Janeiro, Jurandyr Czaczkcs Chaves, filho de pais judeus, Josef Czaczkcs e Clarita Wainstein, tornou-se conhecido pelo cognome Juca Chaves. Músico, compositor, poeta e sátiro, estudou música clássica, mas, desde os 18 anos, traçou na arte o seu próprio caminho, sem se entregar a modismos, correntes ou grupos artísticos, privilegiando a sua autonomia criativa. Nessa época, quando começou a carreira, com a voz distinta e levemente anasalada, já criticava com humor políticos

governos, artistas, o povo e os costumes. Para ele, não havia "bezerro de ouro", e tudo não somente podia mas devia ser satirizado.

Sem ter e participar de um espectro político e ideológico, era alvo constante da crítica em geral. Se durante o governo militar era visto por agitador, durante a Nova República e os diversos governos de esquerda seguintes, não passava de oportunista e caçador de níqueis. Irreverente, dizia:

"Vá ao meu show e ajude o Juquinha a comprar o seu caviar"



Isso deixava os críticos ainda mais fúrios da vida, por insinuar, com clareza, algo que o Mainstream, especialmente o MPBista, tergiversava clinicamente.

Compôs sua primeira música aos 6 anos: "Hino aos Cachorros", e, daí por diante não parou mais. Ainda, na juventude, fundou a revista "Rua Augusta Chic", onde redigia crônicas e poemas. Em 1955, recebeu o diploma de História e Composição Clássica, pelo centro Rui Barbosa. Sem prosseguir os estudos, foi trabalhar em um banco, cortou os cabelos (o que o desagradou), e vivia às turras com o pai, que desejava pô-lo nos trilhos. Porém, cansado das interferências familiares, saiu de casa e sustentava-se dando aulas de violão, mas "apenas para meninas".

Logo depois, fundou o "Circo Sdruws", próximo a uma favela. Convidava a nata da sociedade carioca (políticos, intelectuais, artistas, ricos, etc) e, com humor, contava a história de que, certa vez, em reunião com os líderes do morro, resolveu ir direto ao assunto: "Vim aqui para saber como vai ficar o negócio do roubo". Uma das líderes respondeu: "Olha, seu Juca, entendemos a sua preocupação e somos gratos pela sinceridade, mas pode ficar tranquilo, por-

que a comunidade já se garantiu, e pediu proteção à polícia".

A fama de maldito acentuou-se com as músicas lançadas no fim dos anos 50 e início dos 60. A modinha "Presidente Bossa Nova", inspirada em J.K., dizia:

*"Bossa nova mesmo é ser presidente
desta terra descoberta por Cabral
Para tanto basta ser, tão simplesmente,
simpático, risonho, original,
depois desfrutar da maravilha
de ser presidente do Brasil..."*

Em 1962, pouco antes do exílio em Portugal, lançou uma música que causou grande polêmica, já que citava nominalmente uma deputada, e acabou forçado a retirá-la da letra:

Caixinha, Obrigado

*A mediocridade é um fato consumado
na sociedade
onde o ar é depravado.*

*Marido rico, burgueão despreocupado
que foi casado
com mulher burra, mas bela
o filho dela é político ou tarado.
Caixinha... obrigado!...*

Em Portugal, depois de um show no Teatro Tivoli, ao fazer piadas dos salazaristas, as autoridades o censuraram e ameaçaram prendê-lo, e lá vai o Menestrel Maldito (apelido dado por Vinícius de Moraes) para a Itália, onde residiu por 5 anos.

De volta ao Brasil, critica a Nova República, a mídia e as gravadoras que lhe impõem uma censura pior do que o regime militar, ao boicotá-lo e impedi-lo de divulgar seus discos e espetáculos. Então, criou a sua própria gravadora, a Sdruws Records – "A vez do dono" e não "A voz do dono", ironizando o selo RCA que tem um cachorrinho como símbolo: "Além de burro, ele é surdo". E a gravadora tacou-lhe novo processo.

Entretanto, o seu público fiel, manteve vivo o seu trabalho e, em 1994, criou o seu próprio teatro, o "Jucabaré", rotulando-o de "Theatro Inteligente", onde apresentou-se por um ano com casa sempre cheia; em

seguida, levou o show em turnê por todo o país, a fim de "Atender as exigências dos credores".

Compôs mais de 400 músicas, entre sátiras políticas, sociais e modinhas, destacando-se: "Caixinha, Obrigado", "A Cúmplice", "Menina", "Que Saudade", "Por Quem Sonha Ana Maria" e "Presidente Bossa Nova". Talvez a mais famosa seja "Take me back to Piauí", incluída na coletânea "Brazilian Beats Vol. 4", da gravadora britânica Mr. Bongo, especializada em música brasileira. A música faz parte também do filme "Ainda estou aqui", de Walter Salles, e ganhador do Oscar de melhor filme estrangeiro em 2024.

Em 2015, gravou a música "Adeus em ritmo de Lava Jato", uma crítica ao governo petista e seus inúmeros casos de escândalos e corrupções.



Em Portugal, foi agraciado com título de "Menestrel da Liberdade", e por aqui, é chamado de "Menestrel do Brasil".

Guilherme de Almeida, o grande poeta e cronista, considerava-o sonetista de rimas ricas, um grande elogio, ainda mais proveniente do "Príncipe dos Poetas".

Viveu os últimos anos em Itapoã, Bahia. Lá, como gostava de dizer, "não faço nada. Faço curso para ministro..."

Casou-se, em 1975, com Yara Chaves, e teve duas filhas adotivas, Maria Morena e Maria Clara.

Artista ímpar no cenário nacional, sem pertencer a patotas ou crítica seletiva, disposto a levar a sua irreverência e liberdade até as últimas consequências, considerava-se um vendedor de sonhos, o nosso "One Man Show".

Faleceu em 2023, de problemas respiratórios.

Jorge F. Isah é Jornalista, editor e escritor. Autor de "A Bula do Placebo", entre outros livros, todos disponíveis na "amazon.com".
jorgefisah@gmail.com



VAI VIAJAR?

Viajar é muito bom, mas receber as faturas do cartão, depois do retorno, é muito ruim. Estraga tudo. Deveria haver uma lei proibindo as operadoras de cartões fazerem a cobrança antes do natal. O problema é que no natal a gente tem que comprar presentes, os ingredientes para a ceia, a decoração, e desse jeito fica complicado. Melhor seria deixarem pagar quando a pessoa puder. E se puder.



HOTEL OU APART-HOTEL?

Sites e aplicativos como Airbnb e Booking fazem muito sucesso ao oferecerem alternativas de hospedagem para viajantes, mas é preciso ter muito cuidado para não levar gato por lebre: em alguns casos, a economia que você pretende fazer pode representar uma furada, pois as despesas com um apart-hotel costumam terminar iguais ou até maiores do que um hotel, se considerarmos os gastos que terá que assumir com os alimentos para o café da manhã, materiais de higiene e limpeza. Apenas para exemplificar, cinco diárias em um apart-hotel muito confortável na cidade de Curitiba pode custar R\$1 mil para um casal, enquanto um hotel, com o mesmo nível de conforto, na Rede Intercity (Centro Cívico e Batel), ficaria em R\$2 mil. No apart-hotel será preciso comprar os itens para o lanche matinal e alguns itens de limpeza (pães, café, filtro para café, leite, torradas, frutas, guardanapos, lava-louças, panos de limpeza descartáveis, etc.), além de computar o tempo dispendido para a preparação desses lanches e para a limpeza geral. A economia ficará em torno de

R\$400 reais. Vale a pena? Melhor pensar.

Para quem costuma se hospedar em hotéis do tipo "zero estrelas", a coisa não há de ser muito diferente, a não ser que resolva preparar o almoço e o jantar no imóvel alugado por temporada, mas aí não terá muito tempo para curtir o passeio, e assim sugiro nem viajar. Tem gente que não liga, e fica horas tentando "ariar" aquelas panelas de teflon descascadas. Outra opção é ficar sem comer. Tem gente que faz isso. Ou come, no máximo, um pão com mortadela pela manhã e um Miojão no final da noite. Assim a economia estará garantida.



MONTE VERDE



Monte Verde é um destino charmoso. Para quem tem preguiça de ir a Gramado, no Rio Grande do Sul, ou a Campos do Jordão, em São Paulo, pode ser uma boa opção. Fica em Minas Gerais, e o mineiro geralmente é acanhado para elaborar atrações, daí o fato de que tudo se resume a uma rua, onde se concentra o comércio, em algo em torno de dez quadras. Bom é ir durante o inverno, entre julho e agosto, quando a temperatura pode variar entre 0 e 6 graus. Aí é só cair de boca nos Fondues, oferecidos em rodízios nos vários restaurantes ao longo da Avenida Monte Verde (que original, não?), onde também estão instaladas as lojas de roupas, calçados e artesanatos. Como atrações, estão os passeios rurais, além dos parques VillaLeta e Orshin, mas não são muito interessantes,

principalmente o primeiro, que nada mais é do que um restaurante com um barquinho Viking de mentira, uma minúscula trilha por um bosque e um playground bem mixuruca que fica atrás do restaurante, que entre 11 e 15 horas apresenta uns shows de cantores (covers) locais. E não é de graça: você paga R\$60,00 (inteira) ou R\$50,00 (meia?) para entrar.

HORA DE COMER

Em rápida passagem por Campinas, escolhi aleatoriamente um restaurante para almoçar na região do Cambuí, não muito longe do hotel onde estava hospedado, e fui parar nesse restaurante, cujo interior e a fila de espera já me fizeram desconfiar que se tratava de coisa boa. O dono, muito solícito, cuidava da recepção, e informou como funcionava o sistema, a quilo (R\$119,00) e buffet livre (R\$79,00),



incluindo doces e sucos à vontade, alertando que essa última era a opção mais vantajosa, pois, geralmente, os clientes costumavam repetir os pratos. Não foi difícil entender a razão. A diversidade e a beleza dos itens dispostos no imenso balcão era tamanha que chegava a empolgar. A experiência foi indescritível: saladas e molhos de todos os tipos, carnes variadas, massas, sobremesas, tudo preparado com requinte raras vezes visto em restaurantes de categoria superior. Mãe Terra - Rua Padre Almeida, nº 320 - Cambuí - Campinas - São Paulo.



Quer comer bem, mas gastando pouco? Procure a rede Sushiaki, em Curitiba, com vários endereço pela cidade. A dica é o "Bentomix", que vem em uma caixinha para



viagem, com tempurá, gohan, frango grelhado, salada com pepino e cenoura e couve frita crocante. Fica em torno de R\$39 reais. Mas também tem o Tempurá Udon, o Yakissoba, entre outras opções, todos nessa faixa de preços.





coluna do

ClodoKill

Fernandes

Mungangas

Antes de tomar café, a minha esposa liga a tv no noticiário, na maldita tevê. Estou para descobrir se essa é uma tática para me irritar ou ela não percebe que está no filme "Como se fosse a primeira vez", no papel da Drew Barrymore. Entra dia, saí dia, está lá hipnotizada pela lenga-lenga dos telejornais, onde as pautas são as mesmas, sempre enfeçadas pelas manipulações e mentiras. E as tragédias, que não são poucas, ganham desflores típicos de funk proibidão, onde o lugar mais baixo ainda se encontra em prospecção.

- Fulano morreu, sabia? – Ela pergunta.
- Não. Não sabia.
- Mas você não sabe de nada, homem!
- Pois é...

Enquanto dou o primeiro gole no pretinho, ela ataca:

– O gás aumentou... e a luz aumenta amanhã.

São informações cruciais, sem as quais eu não conseguiria sobreviver.

No trabalho, sempre há os que também veem e ouvem as mesmas coisas.

– Viu quem morreu?

– Vai chover de noite.

Tem sempre os bem informados sobre política (que se resume à guerra de egos entre os parlamentares e seus partidos), futebol, música, meteorologia, e toda a sorte de coisas que, caso não soubesse, não fariam a mínima diferença. Ao menos, na minha vida.

– Você é alienado. Um verdadeiro "Maria-vai-com-as-outras".

– Tem razão.

Já me chamaram de tudo, de isentão, dissimulado, extremista e taxista. Mas, pela quantidade de rótulos, parece que existe um sério problema com os autores ou comigo. Vai ver, sou tripolar ou o raio que os parta!

A questão é que tanta informação inútil e deletéria não mudou nada na vida deles, apenas os torna uns chatos de galocha. Desisti, há muito, de entender o

porquê de tantas cacatuas e mainás imitarem os robôs de seus dispositivos eletrônicos. Chega a parecer fetiche.

– Você viu a cara de besta do Lord Voldemort?

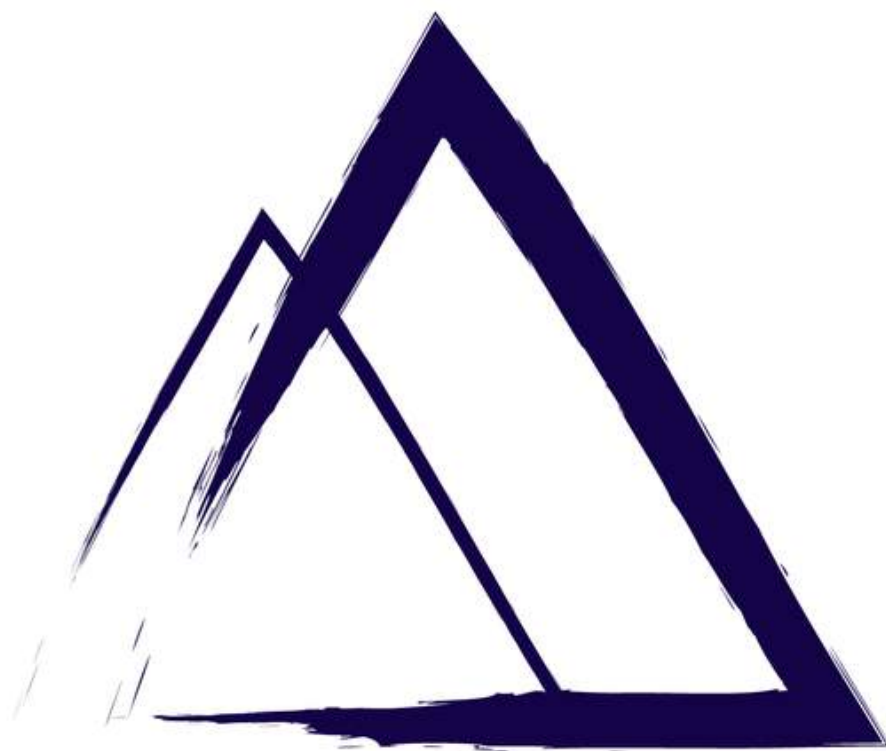
– E aquela velha de 100 anos que largou a muleta e saiu dançando na festa?

– É mesmo!... Oh!!!

Um amigo me disse:

– É melhor ouvir isso do que ser surdo.

Tenho lá as minhas dúvidas.



INTERNÚCLEO

CONSERVADORA E ADMINISTRADORA

(31) 33748115 ou 98403-2524 (WhatsApp)

O velho e a praia

Jorge F. Isah



ParTe XVIII

Chovia. A noite escura, muito mais do que qualquer noite. Sem lua, estrelas. Podia-se ver o horizonte diáfano, em sua transparência dissimulada, traiçoeira, a suspeitar os olhos de algo fugidio, mas não fosse além da cobiça, a tentação de dissuadir a natureza. Os ventos não eram os de tempestade mas também não estavam amansados. Os coqueiros e palmeiras na praça e na rua balançavam os ramos como se estivessem a bailar. Havia uma ordem, um ritmo quase ensaiado. Relâmpagos esparsos riscavam de norte a sul, de leste a oeste, em outras direções, sucedidos por rumores sem pompa, estampidos lânguidos e quase anêmicos. O cheiro de terra, sabe-se lá de onde vinha, já que a região era totalmente coberta por asfalto, lajotas, cimento, cerâmica e pastilhas, encheu as narinas de argila. Alguém podia dizer que era algo psicossomático, de o referido odor no ar ser uma ilusão da mente, uma lembrança do passado, e nada a ver com as contingências do pé-d'água. Contudo, ele estava lá, a pairar em ondas que iam e vinham, a emanar dos pisos sintéticos como se houvesse barro acima dos impermeáveis.

Os pássaros se recolheram, os insetos se recolheram, não havia pessoas ou animais nas ruas, apenas as lâmpadas amareladas confundiam as trevas e permitia ver os pingos em queda, um carro ou outro, um entregador ou outro em seus veículos de duas rodas, e os intervalos restantes só não eram inundados pelo silêncio por causa dos cursos a fluírem em direção ao chão e dali para as calhas, bueiros e valas... A luz acabou, e o breu tomou conta de tudo. E o silêncio, de uma maneira inusitada, pareceu mais solene e encarniçado.

— Droga! Justo na hora do jogo... — Antenor quebrou a caligem momentânea. Foi até a porta e olhou para os arredores. Tudo estava levemente menos denso do que dentro de casa. Lurdinha o seguiu.

— É, parece que vai demorar — Pegou um banco e arrastou-o para a varanda. Pegou outro para Antenor também.

— Senta! Vamos conversar.

Ele olhou-a de soslaio, como se o convite fosse uma plano meticulosamente elaborado com a natureza e a companhia de energia para arrastá-lo ao bate-papo.

— Acha mesmo que vai demorar? — Sentiu-se inquieto.

– Você tem dúvida?! – Não foi propriamente uma pergunta. O tom de voz se assemelhava mais a afirmar, como se fosse a conclusão óbvia de um apagão nada lampeiro.

Antenor pegou o banquinho, puxou-o para junto da parede e, assim, pôde encostar-se nela. Fixou as vistas ao longe, sem ver muito além do metro e meio adiante, pois além da escuridão, estava sem os óculos e praticamente tudo, incluindo o negror, ganhava contornos ambíguos por causa da nébula a embaraçá-lo.

O telefone de Lurdinha tocou. Pegou-o e foi conversar na cozinha, alguns metros distante da varanda, para ficar à vontade. Fechou a porta e trancou-se lá.

Antenor a viu deslocar-se, e sabia que assim era melhor. Não gostava de ouvir seus longos e demorados bate-papos, normalmente em família, onde ela as vezes se divertia, outras chorava, lamentava, se preocupava quase sempre. Eram conversas diárias, a variar de dezenas de minutos a horas. Ele não ligou, pois sabia que, independentemente do turno, manhã, tarde ou noite, acontecia em momentos aleatórios, sem qualquer

preparação ou agendamento, apenas acontecia, quando do lado de lá alguém precisava ouvir uma voz; e a voz de Lurdinha estava sempre à disposição dos familiares, dos amigos e até mesmo de quem não estava nessas categorias. Por que raios as mulheres gostam tanto de falar? — pensou. Não era a primeira, não seria a última a se questionar. Sabia ser uma compulsão, algo orgânico, a impeli-las à gastança de frases e parágrafos. Um amigo, certa vez, disse que um estudo analisou homens e mulheres e enquanto os machos emitiam algo em torno de mil palavras por dia, as mulheres nunca o faziam com menos de cinco mil. O número parecia uma limitação, dada a naturalidade com que se expressavam... constantemente... Manteve-se no vislumbre das gotas e dos feixes radiantes a cortarem o horizonte tímidos. No início, olhou o relógio a cada fração de minuto. Depois, minuto a minuto. Por fim, desistiu. A previsão da esposa se confirmava: o blecaute não era lacônico, prometia ser ostensivo. E se viu perder na visão e visões a assomar-lhe a cabeça.

— Não sabe da última!

Do nada, enquanto imergia entre sombras e lampejos, assustou-se com o rompante da mulher.

Não mediu o tempo que se passou.

— O que foi? — Meio entorpecido, meio surpreendido, e entre eles, como a atrair e unir, o mistifório, saiu da inércia maquinalmente.

— Estou de queixo caído!...

Havia o suspense e drama. Nunca faltavam. Fosse o que fosse, quando fosse e de quem fosse. Eram necessários os apelos da novela, como uma tragédia ensaiada à exaustão. Às vezes, não era nada. Outras, fazia jus. Ele nunca sabia ao certo, pelo tom de voz ou pela introdução, o quão grave ou branda seria a novidade.

— Fala logo, mulher! Desembucha!

Primeiro, sentou-se. Olhou o banco e, se de pé, imaginou começar a desembrulhar o assunto, achou por bem recolocar-se. Não queria chamar mais a atenção; ela estava garantida quando ouviu: desembucha! Para quê inchá-la?

— Não sei por onde começar...

— Vai pelo começo.

Um clarão, seguido de um estrondo bem mais roliço que os anteriores, viu-se, e depois ouviu-se. As gotas se intensificaram, e o vento deixou mais revoltas as galhadas e os fios de alta tensão. Ela tremeu, e olhou o ambiente erguer-se inquieto.

PAIXÃO! PAIXÃO!

Rosemare Rocha



(Para quem não me conhece, esse era o meu nome antes do batismo, quando uma irmã mais velha, disse: "Já tem muita Maria na família" e, autoritariamente, mudou o meu nome.)

– Paixão! Paixão! Cadê você? Onde você está? O tempo está mudando, parece que vem uma chuva!

– Abra os tambores para aproveitar a água da chuva, que cai na calha vinda do telhado.

– Sim, mamãe! Sim, senhora...

– Mamãe, estava aqui pensando em uma história que a professora contou na aula (naquele tempo, a escola fundamental se chamava "grupo esfolar", quem está comigo?)

– Agora, Paixão, você começou a pensar... (rindo). O que você pensou, Paixão?

– Mamãe, eu pensei como é que é separar a realidade da fantasia.

– Paixão, não é difícil de explicar (lembrando que minha mãe nunca foi a uma escola. Era completamente analfabeta, mas, diferente de tantos "doutores" de hoje, sábia.).

Ainda, mamãe:

– Você sabe que nós somos pobres, muito pobres, pagamos aluguel e outras despesas, mal sobrando para comermos. Isso é uma realidade. A fantasia é você viver achando que você é uma coisa que você não é (risos novamente).

– Quer dizer que eu não posso ter um dia as coisas que não tenho hoje?

– Não, Paixão, não é isso. Você pode sonhar, lutar, vencer e conseguir realizar os seus sonhos.

Mas a fantasia não pode tomar na sua mente o lugar da sua realidade momentânea. Pois tudo pode mudar. Entretanto, toda mudança tem um limite e, ao final, um dia tudo acaba para o pobre, para o rico, para o estudado, para quem não estudou, para todos. Afinal, tudo o que a gente tem, é emprestado. Tudo vai ficar aqui, para outras pessoas. Tudo o que temos para fazer é viver a realidade e não perder de vista a fantasia, o sonho, a esperança.

Rosemare Gomes é escritora,
pedagoga, professora e teóloga.
rocharosemare@gmail.com



“A Bula do Placebo”



ebook: R\$ 9,99

amazon.com.br ou kalamos.com.br



REPÓRTER RISO

Jorge F. Isah

EFEITO BORBOLETA

"O último a sair, apague a luz!".

O problema é que o último nunca é o último, pois sempre tem alguém a arrombar a porta dos fundos, forçar a tranca ou pular a janela, e o último vira penúltimo, antepenúltimo, talvez apenas mais um, enquanto se saqueia tudo e, caso não haja mais nada a surrupiar, por que não destruir? E dá-lhe pichação, vidros quebrados, tomadas e interruptores danificados, fios, louças, torneiras e conexões removi-

dos ou simplesmente estragados. E esses, não estão nem aí para a luz.

Alguém dirá: mas, cara, você é muito pessimista.

Veja bem, nobre colega, dada as particularidades e exaustivas repetições dos hábitos e modelos nacionais, não resta outra saída a não ser encarar a realidade e não ficar a dourar a pílula quando, até ela, foi arrancada de nossas mãos. Eu não sou pessimista; o problema é que a *modus operandi* do país, desde sempre, é negativo, e tanto quanto os elétrons, quanto mais tenho contato e me aproximo, mais os créditos no sistema se diluem, acumulam débitos, e a bagunça entre física e contabilidade é a constatação de que o caos não é uma mera opinião, mas a prova de os mocinhos estarem em extinção... Quer uma amostra?

Estava passeando com o Rex, um dobermann dócil e carinhoso, mas que odiava a vizinha da esquerda. Ouvir a voz dela, deixava-o ensandecido. Pois bem, ao atravessar a praça, vi-a sorrateiramente jogar, com uma pá, algo no bueiro em frente de casa. Apertei o passo e chamei:

— Dona Zanja! Ó, dona Zanja!

Ela se virou e, petulante, me esperou.

– O que foi?!

– Que negócio é esse de jogar lixo no bueiro?

– O bueiro é seu?

– Não, mas...

– Se não é seu, não é da sua conta.

– Mas ele também não é seu, dona Zanja.

– Não é? Quem lhe disse?

– Ora, está na cara que não é. Se fosse seu, estaria do seu lado da rua e não do meu. Então, mesmo não sendo meu, ele é mais meu do que seu.

Enquanto altercávamos, o Rex espumava, e tentou abocanhá-la algumas vezes. Puxei a guia e isso pareceu deixá-lo ainda mais louco.

– Olha, rapaz, a rua é pública. Se meta do seu portão pra dentro.

Fui afrouxando a guia, e o Rex dava saltos cada vez mais próximos da mulher.

– O que está fazendo?!... Sai pra lá, cachorro... sai!!!

– Não estou me sentindo bem... – pus a mão na cabeça
– estou com vertigem... está tudo rodando...

Ela saiu em disparada. Dei a ela uma dianteira e soltei a guia. O cão voou em seu encalço. Foi o tempo de ela dar

uns gritos, puxar o portão, e berrar lá de dentro:

– Seu filho...

Sentei-me na calçada. Esperei, e, então, chamei o Rex.

Aquele alguém me interpelou:

– O que isso tem a ver com o pessimismo?

– Nada. Mas eu me divirto.



FAÇA

TEATRO

Curso Profissional **& NOVELA**

Prepare-se!

crianças
adolescentes
adultos

WhatsApp
98025-1010

vagas limitadas!

The advertisement features a black background with a central image of five people in theatrical costumes on a stage. The text is primarily in bright green and yellow. The logo 'NET' is in the top right corner, and the WhatsApp contact information is in a green bubble at the bottom left. A yellow diagonal banner at the bottom right indicates limited spots.

SALSEIRO NO CEMITÉRIO

SÃO MIGUEL

Sammis Reachers

Foi no cemitério São Miguel, central em São Gonçalo, lar derradeiro de muitos de nossos amigos e parentes, quicá um dia o seu, amigo leitor.

O ano era o dois mil e alguma coisinha. O da vez – não o defunto, mas o, digamos, "animador de velório" – um tal Banzé, antigo vendedor de roupas e miudezas, o conhecido e ainda não anacrônico mascate. Com o tempo, fizera também as vezes de agiota, atividade margeadora da lei, mas muito bem quista pelos apertados da vez. Chegou para a despedida final de Totonho, mestre da sanfona e estimado dono de birosca, fulminado dia antes pela dengue hemorrágica.

Um abraço na viúva, aquel'olhadela regulamentar nas fuças do defunto, um aperto de mão neste e naqueloutro conhecido... Foi quando Banzé ouviu, em certa rodinha formada entre os enlutados, um cidadão que falava em tom sorrateiro:

– E a dívida é essa, minha gente. Nosso amigo – meu melhor amigo!!! – partiu e nem pras despesas do enterro deixou migalha. Era alma santa, sempre ajudando a todos, tocando seu forrozeiro, sua sanfonagem, de graça, vendendo pinga no fiado... Por isso, eu peço a cada um de vocês essa pequenina contribuição para custear a despedida de nosso amigo, do nosso eterno Totonho.

Banzé apertou os olhos e mordeu os lábios, balançando a cabeça para ver se a cansada maquinária espoucava. Será? O coração pulsou mais forte, mais ruim, Banzé nem chegou na rodinha e já foi chamando:

– Doutor Gilson??? Doutor Gilson??!!

Mas vamos a uma paradinha, amigo leitor, para dar vez ao clássico recurso narrativo dito flashback:

O rolo teve parto lá no antigamente, nas bordas da hoje Favela da Linha, no bairro gonçalense de Rio do Ouro: Banzé, egresso de última leva do sertão nordestino, havia iniciado há pouco na atividade de mascate, e puxava seu burrinho-sem-rabo lotado de roupas, pane-

las e redes.

A década era magra, quase perdida, e as vendas iam de mal a mais mal ainda. Aparando o sol com um boné surrado de campanha política (Moreira Franco Governador '86), mastigando poeira com as canelas finas por rua deserta, de poucas e incipientes construções, um berro do portão de um sobrado fez o mascate estacar. Era um possível cliente, chamando o vendedor. A área era ainda mais posse do mato do que de gente, e aquela casa, cuja construção aparentava ainda não estar finalizada, pareceu aos olhos do sertanejo um pequeno palácio de subúrbio. Mascate Banzé encontrou ali a realização, pois o dono do casarão, homem de seus quarenta anos, que se dizia engenheiro da Petrobrás de nome "Doutor Gilson", comprou de cada item uns três exemplares, que eram para ele, para a casa de sua mãe, e também para certa teúda que o tal, "homem casado e respeitador", sussurrou manter lá pros lados do Meia Noite, em profundezas de Santa Isabel.

O sistema desses mascates, amigo leitor, deve ser seu conhecido, pois ainda hoje seguem o mesmo *modus operandi*: A mercadoria ficava no fiado, e uma caderne-

neta humilde ia recebendo as marcações a cada pagamento, que podia ser semanal, quinzenal ou por mês.

Foi com a carrocinha – da qual fazia as vezes de cavalo ou burro – esvaziada, que Banzé chegou na base, sorrindo de orelhão a orelhão. Na central de distribuição foi grande a surpresa do chefe, Paulete, que agenciava mais de trinta vendedores e logo celebrou Banzé como exemplo e funcionário do mês.

E veio o fim do mês. Banzé chama no portão do casarão. Era tempo de recolher a primeira parcela. Chama que chama e eis que uma bela senhora ou senhorita assoma ao portão.

– Poís não?

Era o vendedor, que vinha cobrar do senhor marido da senhorinha, "o Doutor Gilson", a parcela das vendas.

Marido ela não tinha, nem Gilson algum conhecia. E homem na casa era só seu pai, setenta e tantos anos na cangalha. E o homem que comprara as mercadorias? Bem, realmente não havia ninguém com aquelas características no palacete. Confusão armada, Banzé esperneando até que o velhote deu as caras. Ouvida a história, o ancião alisou a careca pra cá, alisou a careca

pra lá e bateu o martelo:

– Olha, rapaz... Eu sinto muito em lhe dizer o que vou lhe dizer... Pelo jeito, esse cidadão que lhe comprou as mercadorias foi um tal de Sebastião, que estava trabalhando aqui como pintor. Digo Sebastião, pois foi o nome que ele me apresentou. O sacana, depois de pegar a primeira parcela do pagamento, sumiu. E aqui da casa, que estava ainda vazia, ele levou os materiais de pintura que eu havia comprado, além de ferramentas e uma bomba d'água.

Meu sobrinho, que é policial, soube dele pela descrição e modo de proceder, em outra freguesia, lá pelos lados do Saco de São Francisco, em Niterói; mas lá ele dizia chamar-se "Senhor Atílio, fiscal de posturas da prefeitura". E tem mais: o mesmo elemento parece ter aplicado golpe em alguns políticos iniciantes, desconhecedores do ofício, se dizendo jornalista do Jornal O Fluminense e prometendo escrever matérias favoráveis mediante módico pagamento. Nesta aventura, o nome que ele utilizava era Abel alguma coisa. Assim, lamento lhe informar que o tal Sebastião ou Atílio ou Abel ou o diabo que o parta, o mesmo que me sacaneou, infelizmente sacaneou também o senhor,

utilizando a minha casa...

História triste desembalada, era Banzé comer o pedaço que conseguisse digerir e rumar de volta pra central, onde o chapéu de otário, feito de couro nobre da terrinha, além da dívida cabulosa, o aguardavam.

Foram meses trabalhando "de graça", remoendo poeira e ódio, passando fome como na terrinha da qual se surrupiara.

- Doutor Gilson! - continuou a gritar Banzé, recuperando um nome de duas décadas atrás. O ouvinte, fosse Gilson ou não, ou não ouviu ou se fez de rogado.

- Senhor Atílio, o fiscal da prefeitura de Niterói, é o senhor??? - berrou mais forte Banzé, mudando a nomenclatura e já abrindo caminho por dentre a pequena turba que sacava pingados e requenguelos para a inteira do enterro.

- Está falando comigo, cidadão?

- Oxi! Pois tô!, ô se tô!!! Não se lembra de mim, "doutor"?

- Não, não me lembro, e nem sou doutor, nem fiscal. Por

acaso, meu nome é Hélió, e sou líder comunitário lá no Salgueiro. Conhece o Salgueirão?? – disse o arrecadador de inteira pra enterro, agora com o semblante algo acuado ao ouvir um segundo nome, e tentando já assustar o inoportuno pregoeiro.

– Pois me deixe lhe avivar a memória, Abel. Tenho uma boa notícia pro senhor.

A primeira tapanca estrondou nas fuças do envelhecido engenheiro da Petrobrás, logo seguida de um cortejo doutras bordoadas, curtidas por duas décadas de atraso e sol quente. A sessão de descarrego teve o inusitado de, a cada pancada desferida, o vingador Banzé endereçá-la verbalmente a uma das personas ou almas que habitavam aquela carcaça tindhosa: um soco de esquerda pegando pela lateral desguarnecida do queixo foi nomeado dum "segura, Abel", enquanto outro murro, um potente e estranho direito desferido de cima para baixo, escorreu magoando a cara dum "toma essa, Hélió", que cambaleou e foi ungido com um chute acima do umbigo, desta vez encomenda para um certo "Gilson, seu filho-da-#&\$@". O engenheiro, ou pintor, ou fiscal de posturas, ou jornalista, ou líder comunitário mal teve

tempo de acessar aquela de suas personas que fosse a mais valente, pois o conjunto dos tantos-em-um se esborrachou no chão, sendo amaciado a chutes e pontapés.

– 171, safado, filho duma quenga! Passei muita fome por tua causa, desgraça! – gritava o transtornado nêmesis exorcista, vermelho feito pimenta.

E choviam sopapos nomeados, uma tempestade deles, enquanto convivas se evadiam num desespero tal que até o pobre defunto – sacrilégio! – foi derrubado de seu ataúde, enquanto mulheres e crianças expandiam um berreiro de acordar alma penada, num fuzuê que o campo santo jamais vira.

Na delegacia, levantou-se a planta daninha do pilantra. Nascido em Goiás, onde iniciara a carreira roubando gado, lá curtira breve cadeia, donde fugira justamente para o leste fluminense. Terra de pretensa malandragem, mas onde ele, cujo nome verdadeiro (?) era Cassiodoro Lopes Caiado, encontrara sempre desprevenida & farta manada de otários. Quem diria

que, em terras fluminenses, seria um cearense da mulesta quem iria dar freio naquela carreira artística...

Sammis Reachers é escritor,
poeta e editor.
sreachers@gmail.com



www.kalamoseditora.com.br

MUITO LOUCA

um conto de Michel Salomão



Laura assistiu "Betty Blue", de Jean-Jacques Beineix e logo em seguida leu "A garota mais linda da cidade", de Charles Bukowski, e o efeito foi uma bomba: quis fazer igual. Mas foi além. Ela tinha o que hoje é conhecido como "Transtorno de Personalidade Borderline", mas naquele tempo era chamada de louca mesmo. Começou por pintar os cabelos com mechas amarelas, verdes, rosas, azuis, para depois cortá-los com uma lâmina de barbear, fazendo camadas irregulares. Em seguida, aplicou piercings em diversas partes do corpo, começando pelas orelhas. Chegou a dezesseis em cada

uma. Depois partiu para o nariz, sobrancelhas, maçãs do rosto, lábio inferior, língua, mamilos e pequenos lábios. Não satisfeita, fez várias tatuagens pelo corpo, inclusive no pescoço e no rosto. Ficou irreconhecível. Não era, antes dessa transformação, um modelo de beleza; porém, passou a causar sensação por todos os lugares em que aparecia, e todos fugiam dela, mas ela queria era exatamente o contrário: queria ser aceita, admirada, amada.

Certo dia conheceu um homem estranho, Marcelo, 36 anos (ela tinha 27), que estava nitidamente drogado, sentado nas escadarias de um prédio. Ela se aproximou, pediu um cigarro, ele disse que só tinha maconha e ela aceitou. Fumaram juntos, mas ela sentiu uma coisa totalmente estranha, pois, geralmente, essa erva não lhe causava muita alteração.

- Forte esse seu bagulho, einh?

Ele apenas assentiu com a cabeça. Talvez nem tivesse entendido o que ela havia falado, mas, ainda assim, a levou para a espelunca onde morava: um barracão que tinha uma sala com piso em cimento irregular, cheio de trincas, com lixo acumulado em várias partes e um sofá velho, sujo e rasgado. No quarto havia um colchão sem

lençol ao centro e um fogareiro próximo à janela. Também havia roupas sujas emboladas no canto oposto, além de panelas, pratos, copos e talheres. Havia ainda um banheiro minúsculo. Dormiram naquela noite fria no colchão coberto por panos imundos misturados a folhas de jornais, mas sem se tocarem.

Na manhã seguinte ele acordou primeiro e ficou olhando para ela por vários minutos, sem entender. Por fim, foi até o banheiro e se lavou na pia, pois o cano que deveria ter um chuveiro estava entupido e apenas gotejava.

Ele preparou o lanche que consistia em dois pães velhos e duas bananas. E dois copos de água da torneira. Ela acordou, olhou para ele com imparcialidade e foi ao banheiro. Depois voltou, comeu o seu pão e a sua banana e permaneceu deitada na cama.

- Como você veio parar aqui? - ele perguntou.

- Você me trouxe.

- Eu havia misturado algumas coisas... alguns remédios que achei no lixo, fumei uns bagulhos... fiquei mal.

- Você ainda está mal.

- Obrigado por essa... (ele riu)

Ele contou tudo sobre a sua vida. Que havia sido gerente

de uma empresa multinacional, era muito valorizado, tinha um apartamento grande, carro do ano, e um dia se casou e teve um filho. A vida parecia perfeita, mas o menino contraiu meningite aos 8 anos e morreu. Entrou em depressão, começou a beber, passou para outras drogas, se separou da esposa, perdeu o emprego e caiu nas ruas. História clássica, sem novidades.

- E por quê você fez isso com o seu corpo? - ele perguntou.

- O quê? Pensei que me achava linda.

- Você é linda, mas de outro jeito.

Foi ali que ela se apaixonou, mas aí estava o problema: não duraria muito, como das outras vezes. Teve cinco ou seis namorados, e as relações eram sempre intensas. Extremamente intensas. Ela começava a imaginar coisas, tinha crises de ciúmes e chegou a esfaquear os dois últimos, mas foram apenas alguns cortes superficiais e eles resolveram não prestar queixa.

Certo dia ela disse a ele que estava grávida. Mas não estava. Contudo, ele acreditou, e dali em diante mudou completamente o seu jeito de ser. Procurou arrumar um emprego fixo. Cortou os cabelos, fez a barba, arranjou roupas novas. Limpou toda a casa. Mas ela continuava

indiferente e até reclamava que ele estava se arrumando para outras mulheres. Procurava se conter, mas revirava as coisas dele sempre que ficava sozinha. Ela o seguia até o seu trabalho, sem que ele se desse conta, e ficava observando de longe se ele saía acompanhado de alguma colega.

Uma tarde ele saiu conversando com uma mulher e se despediram com três beijinhos no rosto. Foi o suficiente para ela sair de trás de uma árvore e agarrar os cabelos da "rival". Ele teve que a segurar com energia, enquanto a outra saía, assustada.

- Eu sempre fui traída e não vou aceitar mais isso! - ela gritava.

Apesar de ter parado com as drogas, ele ainda tinha um pouco daquela erva escondida no reservatório de água do vaso sanitário, e deu a ela, para que se acalmasse. Ela fumou sozinha e acabou dormindo.

Enquanto arrumava o quarto, ele encontrou uma sacola escondida atrás do colchão, junto à parede, contendo absorventes higiênicos usados, todos com marcas de sangue. Ela não estava grávida, e ele já desconfiava disso, pois, passados três meses, sua barriga não se desenvolvia. Aproveitou para juntar seus poucos itens

pessoais em uma sacola plástica e foi embora da cidade, abandonando o emprego e a vergonha que passara com a colega, fato que seria amplamente comentado no dia seguinte.

Ela acordou, chamou por ele insistentemente, viu a sacola com os absorventes, jogada num canto, e entendeu o que havia acontecido. Cortou o colchão com uma faca, quebrou a pia do banheiro, incendiou o barraco e saiu perambulando pelas ruas. Durante alguns anos foi vista em algumas cidades da região, muito suja, vestindo farrapos e usando "dreads" nos cabelos. Falava que havia perdido o filho e o marido, e procurava por eles. Mas depois desapareceu por completo. Deve ter morrido.

Michel Salomão é jornalista, escritor, ator, autor e diretor teatral videomaker, cartunista, roteirista e nas horas vagas faz umas pizzas legais.
mxelbh@gmail.com



INCIPIIT

HELVÉCIO S. PEREIRA

Passei por uma rua, que faz parte da minha rotina, ao ir para um dos meus trabalhos. Olhei para o posto de gasolina na esquina oposta e lembrei-me de um cãozinho, pequeno, preto e bege, que era mascote do posto e de uma loja de conveniência. Mesmo sendo um cão tão pequeno, sentia-se no dever de tomar conta da loja. Funcionários asseguravam potes com farta ração e água, e ele, posudo, ficava logo na entrada, atento às pessoas que entravam e saíam. Tempos depois, vi que ele ficava no posto de gasolina, com coleirinha, dormia e ficava por lá de vigilante. Pela simpatia, ganhou o coração tanto dos clientes como dos frentistas e do gerente do posto. Por alguns anos, o vi e agora o procuro e não o vejo mais. Imagino que tenha sido adotado definitivamente, mas temo que algo pior tenha lhe acontecido. Isso me faz pensar: como pode haver pessoas tão antipáticas que ninguém lhes socorra, confie nelas ou as queira por perto, enquanto animais, que não possuem a propriedade da fala, que não receberam ensinamentos em escolas e nem foram criados em alguma religião, conseguem respeito, amor e cuidados,

de uma espécie que aprendeu a ser beneficiada pela sua natural pureza, mas que na maioria das vezes os julgam como seres sem valor?

Vi, no Youtube, que em algum lugar do oriente, um porco enorme e escuro que, dada a sua inteligência, ajudava a sua dona, uma mulher pequena e miúda, a cuidar da sua plantação, carregando nas costas folhagens e outros apetrechos, em uma cela adaptada para ele. Além disso, ele auxiliava no cuidado dos outros porcos, seus semelhantes de cativeiro. Como recompensa justa, vivia em liberdade, com direito a banhos diários, dormindo dentro de casa em uma cama quentinha e bem forrada com uma espécie de colcha grossa. Dizem os especialistas que porcos são mais inteligentes do que os cães. Bem, pode ser verdade, mas tanto em uma espécie como em outra existem aqueles a se destacar pela inteligência, simpatia, sociabilidade, diferente de tantos humanos em suas presunções.

Falando de observar e ver o mundo, aprender com as coisas à nossa volta, muitas pessoas poderiam, ao observar o comportamento dos animais, notar que, por vários motivos, não estão fazendo jus à definição de "humanos", mesmo tendo um cérebro que, segundo a ciência, é o mais "evoluído" e, portanto, o mais pro-

missão em termos de capacidade. O que vemos é o cumprimento da profecia inconsciente do grande e amargo escritor, Nelson Rodrigues: "Os idiotas vão tomar conta do mundo; não pela capacidade, mas pela quantidade." Eles são muitos.". Não podemos esquecer uma das declarações pouco lembradas do Senhor Jesus Cristo sobre Judas, o Iscariotes: "melhor que não tivesse nascido".

Quando eu era adolescente, ganhei um cartão-postal (antigamente, eram bem populares), e além da fotografia de um trem saindo de um túnel, no alto de uma montanha, havia a frase, um pensamento de um autor que até uns anos atrás me lembrava do nome, mas hoje a idade me fez esquecer, que rezava: "A vida nos é dada para grandes coisas". Nunca a esqueci, e a entendi logo na primeira vez.

Hoje, com raras exceções, os Q.I.s de todas as pessoas diminuíram, especialmente nos jovens (mas duas ou três gerações de adultos também foram afetadas), e aqueles que puderam, se empenharam em estudar além da alfabetização, se mostram carentes da mais desejável sabedoria. Do contrário, qual a razão para se eleger a Miriam Leitão para a A.B.L. (Machado deve estar se revirando no túmulo)? Ou um acadêmico afirmar com todas as letras que Valeska Popozuda é

filósofa (Ah, Sócrates, Platão e cia., vocês não sabiam no que isso ia dar)? Se esses exemplos não revelam o estágio de coma irreversível...

Muitas pessoas poderiam, ao observar o comportamento dos animais, notar que, por vários motivos, não estão fazendo jus à definição de "humanos", mesmo tendo um cérebro que, segundo a ciência, é o mais "evoluído" e, portanto, o mais promissor em termos de capacidade. O que vemos é o cumprimento da profecia inconsciente do grande e amargo escritor, Nelson Rodrigues: "Os idiotas vão tomar conta do mundo; não pela capacidade, mas pela quantidade. Eles são muitos.". Não podemos esquecer uma das declarações pouco lembradas do Senhor Jesus Cristo sobre Judas, o Iscariotes: "melhor que não tivesse nascido".

Bem, é vida que segue... para eles, para nós, para todos. Mas um dia terá um fim, e um juízo.

Helvécio S. Pereira é compositor, músico, escritor, artista plástico e professor.
helveciop1@gmail.com



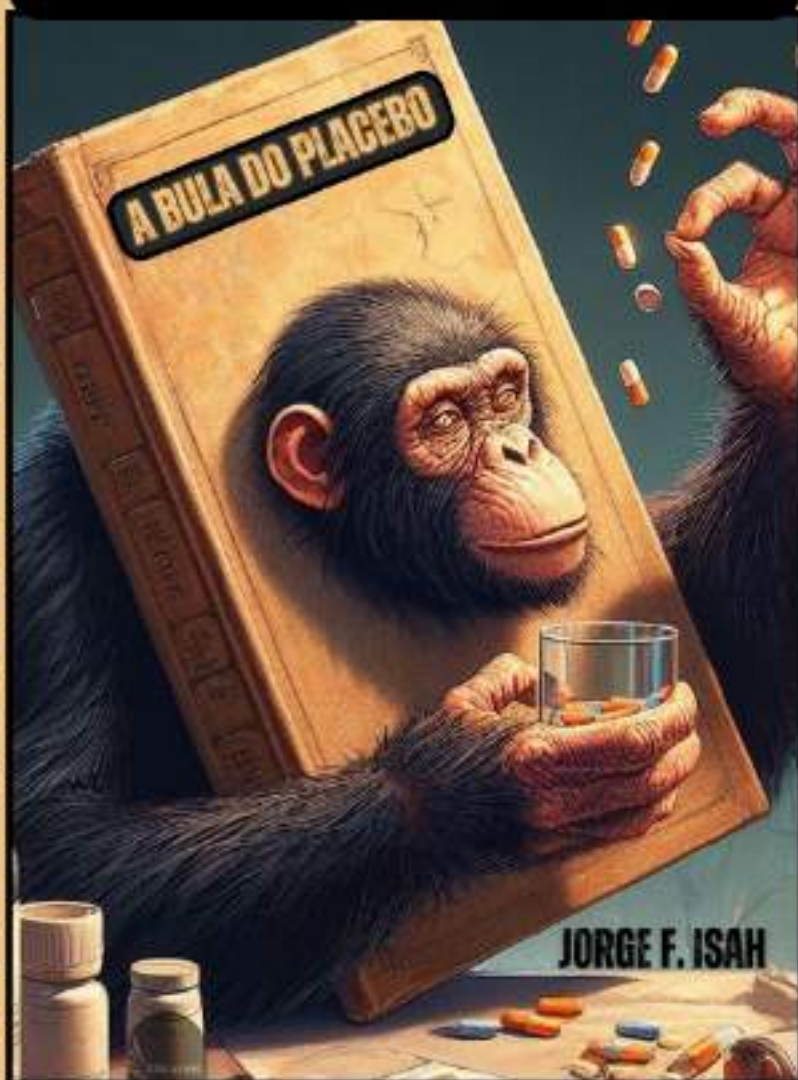
BULUNGA NEWS

O futuro nunca esteve tão presente!

EXTRA! EXTRA!

Em um mundo sem esperança, "A Bula do Placebo" surge como o remédio a lembrá-lo se tudo não está ainda perdido, é questão de tempo. Ao tratar os grandes dilemas humanos, suas manias, pruridos e flatulências, você se sentirá revigorado. Porque, afinal de contas, o que não tem solução, solucionado está!

Junte-se a nós e resista aos gluteos e peitoris sarados, aos bate-estacas e carros de som, funks, os "Ali babás" e seu zilhões de larâpios, enquanto o "tico e teco" caem dopados e em frenesi. E talvez, você seja cancelado, difamado, preso, e se veja cercado, à esquerda e direita de palpiteiros e salvadores-da-pátria. Entretanto, garantimos "A Bula do Placebo" como a solução imediata para o que não tem solução.



GARANTA O SEU EXEMPLAR!
NA AMAZON OU KALAMOS.COM.BR

ERVILHAS E JUÁS

Leonardo Bruno Galdino

— Mas olha só! Basta apenas um tico!

O mundo, coitado, sem saber estava prestes a desabar com a nova descoberta do Fernandinho. Tantos anos colocando mais pasta que o necessário na escova de dentes não podiam passar incólumes. Os fabricantes tinham de pagar!

Sua primeira e óbvia providência foi consultar o pai, que trabalhava na repartição do Inmetro responsável por medir a altura dos pés dos móveis (sofás, armários, fogões etc.) para garantir a passagem do mop embaixo deles. Doutor Fernando, como era conhecido na praça, já havia multado uma dezena de marcas, com direito, inclusive, a reportagem no Fantástico. Diziam as más línguas que ele era mancomunado com determinadas marcas e com a própria produção do programa, mas isso nunca foi provado.

— Claro que esse absurdo não pode passar batido, Juninho! Sua hora de mostrar serviço é agora. Inclusive, se você tivesse me contado antes, eu teria economizado meio grama de pasta hoje de manhã.

Imagine o peso disso no orçamento de milhões de brasileiros? —, disse ao filho.

Fernandinho comprava a indignação do pai, e estava mesmo disposto a arregaçar as mangas para o que desse e viesse em prol da brava e sofrida gente brasileira. Só não sabia como, exatamente. O pai, então, lhe deu algumas sugestões.

Primeiro, que ele gravasse um vídeo mostrando que uma quantidade de pasta do tamanho de uma ervilha bastava para escovar os dentes. Depois, que protocolasse uma ação junto ao Procon requerendo que os fabricantes de creme dental colocassem essa instrução no verso das embalagens. — Pode-se pensar, também, em obrigá-los a fabricar tubos com bico dosador, para evitar desperdício de pasta —, acrescentou o velho. Os olhos de Fernando Júnior brilharam com a proposta. Como ninguém havia pensado nisso antes?

Nosso herói estava prestes a deflagrar a revolução, quando um pequeno incidente mudou o rumo das coisas. No escritório, enquanto compartilhava seu projeto com uma amiga, notou que, quanto mais ele falava, mais ela se afastava.

- Que foi, Juliana?
- É... Nada.
- Como assim, "nada"? Eu falo e você se afasta...
- É que...
- Fala logo.
- Você tá com um bafinho.
- Como é?
- Sério. Bafinho, bafinho.
- Sério?
- Tá ruço, mano.

Aquilo desconcertou o moço, que imediatamente correu para o banheiro para se certificar, mas debalde: geralmente não se sente o próprio bafo. Mas, se Juliana falou, devia ser verdade. Voltou para a mesa e evitou o quanto pôde travar diálogos muito aproximados. Aproveitou os resquícios da pandemia e sacou uma máscara. Aceitou, meio a contragosto, a oferta do Halls extraforte da amiga. Não havia muito o que fazer naquela situação.

Na volta para casa, o rádio do Uber tocava "O leãozinho", de Caetano Veloso, e isso o fez lembrar-se de por que odiava MPB. Pediu ao motorista que mudasse de estação. Sentado, obviamente, no banco de

trás, falou o mínimo com ele, pois o carro era um Kwid e muito falatório poderia obrigar o dono a abaixar os vidros.

Na solidude do quarto, passou a ponderar os efeitos colaterais de sua proposta tresloucada. Gente com bafo nas ruas. Preço do creme dental disparando, já que agora os fabricantes seriam obrigados a implementar o tal bico dosador, certificado pelo Inmetro. Gente sem poder mais comprar o item básico e tendo que recorrer a raspa de juá, o que levaria a ainda mais gente com bafo. E o pior: a volta das máscaras! Não, não podia mais levar isso adiante. O pai lamentou a decisão. Parecia tudo tão promissor...

Dias depois, num exame médico, nosso rapaz descobriu um problema gástrico. – É daí que vem o seu mau hálito, e não da pouca pasta na escova –, garantiu-lhe o doutor. Os olhos de Fernandinho voltaram a brilhar.

- Pai, não era a ervilha, era a gastrite!
- Maravilha, filho! Maravilha! Quer dizer então...
- Voltaremos a ser o país do juá. O senhor vai ver.
- Deus te ouça!

Leonardo Bruno Galdino - veja o perfil em
<http://www.youtube.com/user/LBGaldino>



Textos de Agosto de 2018

Luiz Libório Alves da Silva

Sobre a autoajuda, o meu problema é moral, pois nela é quase norma: se um autor quer vender bem, tem que falar a partir do ponto de vista que anuncia a felicidade estar em primeiro lugar.

Eu, porém, em verdade vos digo: existem centenas de coisas mais importantes do que a felicidade.

A amizade, a integridade, o respeito, a fé, o amor, pra começar, são mais importantes do que a felicidade. As memórias, o cuidado, a lealdade, a gratidão, vem logo após.

E há muito mais.

Há quem diga, como lei, "faça o que te faz feliz". Mas a um estuprador, o estupro deve deixar feliz. A um corrupto, a corrupção deve deixar feliz. A um traidor, a traição. A um cruel, o poder. O que te faz feliz, caro contemporâneo, é menor, se traz infelicidade para alguém, o que já rebaixa a felicidade em relação à empatia, pelo menos.

Ser feliz não é o que importa.

É um unguento santo, enquanto fazemos o que importa.

Avança, pois sim. Dois cavaleiros, uma fêmea e um macho, destacados de um exército escondido até às flâmulas por trás das árvores. Isso é o avanço do retorno de Cristo. A Segunda Vinda. É uma visão sem olhos, mas táctil por nenhum toque, como o calor de uma cavalaria numerosa que não se vê e não se ouve, circulando a casa só com o morder dos cavalos nos arreios. O que é uma rosa, no lamaçal dos dias, se não um pressentimento? A baba e o couro. Pois que a segunda vinda é um calor em ondas contínuas, mas alteráveis, conforme a fé, a força e a farinha disponíveis. Uma grande esperança a quem for pequeno muito, uma esperança nenhuma a quem é aqui bem grande. Pois quem tiver exército, vai tentar se defender - e perderá. Pois quem for só e fraco, vai se render - e será salvo.

Se tem uma mancha, em alguma das lentes do meu óculos, aquela mancha estará em uma árvore, se eu olhar para uma árvore, e ela estará no mar, se eu olhar para o mar. Se uma gota de chuva cair nas lentes, no entanto, a luz refratada pela água escoará mais luz para os meus olhos. Assim é, também, em relação ao bem e ao mal: quem vê o diabo em tudo, pode ser por estar com os olhos sujos de diabo; quem vê Deus em tudo, é porque está com os olhos limpos de Deus.



Luiz Libório Alves da Silva é escritor,
poeta e tech writer.
luizliborioalves@hotmail.com



Culinária Saudável
Cambuí - Campinas - SP

Ad Caelum

Roberto Vargas Jr.

Foi uma viagem estranha e tudo agora é nebuloso. Mas algumas coisas me restaram nítidas e indeléveis. Quando chegamos, foram-me dadas novas vestes. Eu arrepiei o meu cabelo, vesti a túnica, ainda com suas etiquetas, e me pus a caminhar.

Eu caminhei por horas em uma cidade fantástica. Atravessei ruas e avenidas, olhei para o alto de tão enormes arranha-céus que dos céus só via uma nesga. Sentia-me como ao pisar a terra roxa da minha cidade natal. E era como a minha cidade natal, mas muito maior e infinitamente mais bela.

Passei a atravessar salões e salões. Abarrotados de gente. Senti-me a sufocar. Eu precisava de um pouco de ar. Encontrei uma porta, idêntica à do clube da minha infância. Abri e me vi, só e aliviado, de volta à colina existencial, sob um céu nu e negro, e o vento a soprar fresco e puro como o hálito de um bebê. Perdi novamente o fôlego. Olhei ao céu, ao espaço aberto e livre, e vi as estrelas como jamais as vi. Pareciam tão distantes quanto ao alcance da mão. Extasiado, percorri com os olhos esta imensidão. E então vi Júpiter, imenso e belo como um deus, deslumbrante como numa pintura de Van Gogh, inesquecível qual na visão de Ramson em Malacandra.

Depois, finalmente, perdi os sentidos. Quando os recobrei, foi como despertar para mais um dia de trabalho. Ou como receber, a contragosto, aquela impactante e insípida dose de realidade que, se cedermos, suprime toda saudade da eternidade.

Eu preciso voltar a viajar!

Roberto Vargas Jr. é brasileiro nômade, cristão reformado, casado e pai de três pródigos, não-escritor que escreve, pecador sob abundante graça. Autor do livro "RVJ, reminiscências de um blog". Escreve em <https://link.medium.com/GtnaWNh8yX>



CULPA

Natan de Oliveira

...

Não é sua culpa...

O que os outros disseram...

O que os outros fizeram...

O que os outros pensaram...

Não é sua culpa...

Os pecados alheios...

As maldições passadas...

Os traumas de outrora...

Tua culpa sim...

É não ter agradado ao Pai Celeste...

Pelas tuas "próprias" falhas...

Tuas escolhas...

Agora...

Seja a culpa de quem for...

Seja fardo como for...
Deixa cair pelo caminho...

Agora mesmo...
Segue em Paz...
Que o Passado fique lá no passado...
Que o presente te satisfaça...

E seja Pleno... dEle!
Sem ódio ou amargura...
Sem culpa...
Em Paz... nEle!

Natan de Oliveira é um escriba cristão, casado,
pai de dois filhos, cuidador de dois cães cocker
spaniel, mora em Joinville/SC e tem como hobby
brincar no seu Fusca amarelo colonial 1971.
natandeoliveira@yahoo.com.br



LANÇAMENTO

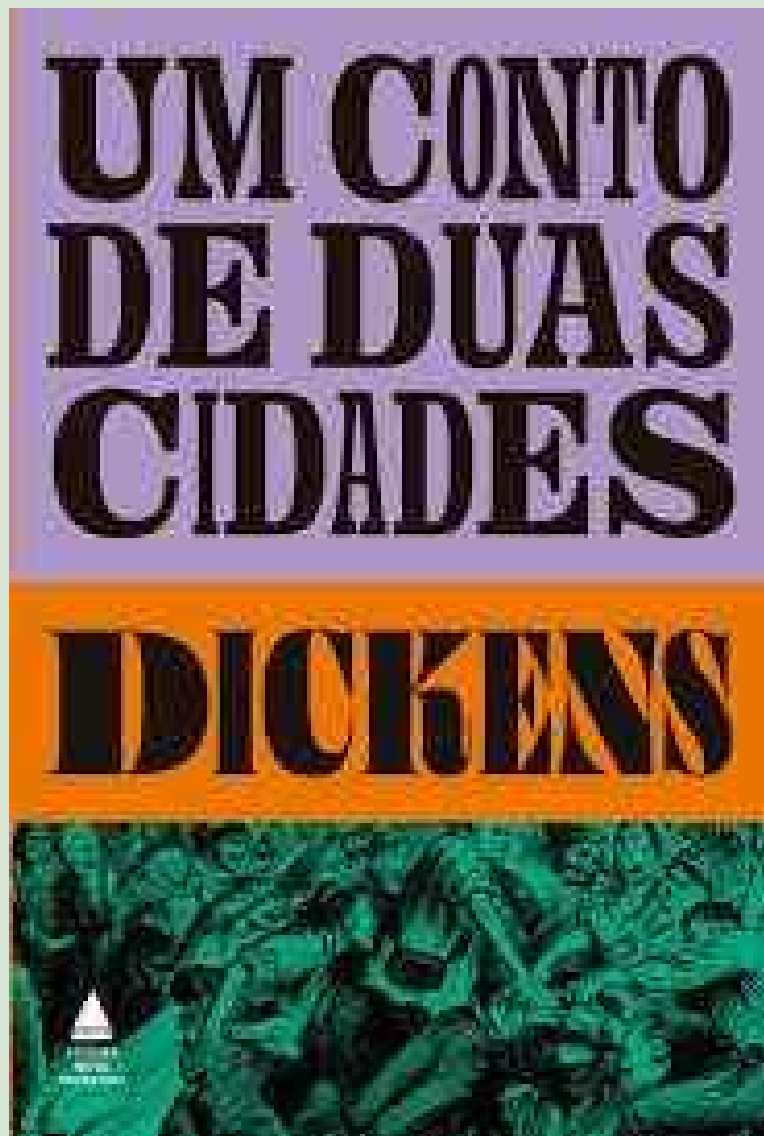


Inteligência artificial, tempo herdado e trabalho

breve ensaio sobre uma angústia

Luiz Guilherme Libório Alves da Silva

À venda na amazon



UM CONTO DE DUAS CIDADES CHARLES DICKENS

Jorge F. Isah

Havia tempos queria ler esse livro de Dickens. Como a minha lista de leituras sofre constantes mudanças, "Um Conto..." teve a frente furada por outros tantos e, somente agora, pude concluí-lo. Dickens está na relação

dos meus cinco ou seis escritores prediletos. Às vezes, vai para os primeiros lugares do topo, em outras, desce. Mas sempre está lá, desde que li pela primeira vez "David Copperfield", o amor pela escrita do inglês só aumentou.

Para muitos, "Um Conto..." é um livro político, a falar da Revolução Francesa. Certamente, no contexto histórico da Revolução Francesa, o autor penetra o emaranhado de casuísmos e desastres enovelados no evento, um dos mais importantes. Mas, assim como "Os Demônios" de Dostoievski, não está a falar apenas de um fato macabro e sinistro, do ponto de vista meramente político. Mais do que análises acerca de governos e seus sistemas, seja denunciar o totalitarismo revolucionário (no caso de ambos os livros), ele está a tratar da humanidade, em especial o homem e as circunstâncias a mover o seu íntimo em uma direção ou outra. Com isso, não estou a defender a tese de que as pessoas são aquilo que a sociedade quer, que o sistema quer. Quando se está em dúvida ou em um dilema, alguém sempre propõe: o que veio primeiro, o ovo ou a galinha? E aqui é possível utilizar a mesma analogia para se referir a esta circunstância: é o ho-

mem quem molda a sociedade ou a sociedade quem o molda?

Parece uma proposição tola, mas não se pode deixar de reconhecer que, seja qual for a resposta, o indivíduo é, em última instância, o responsável por suas decisões, sejam de foro íntimo ou "forçadas" exteriormente. Em qualquer dos casos, é possível decidir fazer ou não fazer. A resposta estará sempre, e para sempre, com o indivíduo.

Dickens, sem atender ao maniqueísmo usual dos nossos dias, descreve a opressão dos pobres diante da tirania aristocrática, mas que, quando assume o controle, os mesmos oprimidos espalham terror não somente aos aristocratas, mas a todos aqueles que não veem a execução e morte como únicas respostas. Se havia arbitrariedade de cima para baixo, ela se transformou em algo ainda mais despótica, e abusava não apenas dos de cima, mas também dos pares embaixo. Inimizades, desavenças e vinganças tornaram-se motivos para denunciar e enviar inocentes à guilhotina. Se pudessem, muitos ergueriam um altar para ela, não somente no coração, mas um monumento à posteridade, como o "deus" de uma época.

Em detalhes, vemos a barbárie, a indiferença e de como o homem pode se endurecer a ponto de se habituar com o mal sem considerá-lo mal mas bem, e o faça rotineiramente a ponto de ansiar e desejar mais e mais do seu veneno. O povo sublevado desconhece os limites até o sangue e a sua exposição pública. Cortar cabeças e exibi-las é tão comum como tricotar, beber uma taça de vinho, mastigar fumo ou acender um cachimbo. Até se embriagar ou intoxicar e repetir o mesmo no dia seguinte. Afinal, o que são 50, 60, 70 mortes? As ruas clamam por 100, se possível muito mais.

Esse é o pano de fundo, onde a vida dos personagens principais se mistura entre a Inglaterra e a França, entre a vida e a morte, a liberdade e a escravidão.

Contudo, Dickens não criou um tratado político ou social, mas escreveu sobre algo que conhece como ninguém: a alma. E, no final, é isso o que importa. Ele trata de arrependimento, perdão e martírio. Os acontecimentos são o mote para analisar e revelar o quão humano ou não se pode ser, ainda que santos tenham os seus pecados, e até mesmo em um demônio ou outro pode-se encontrar resquícios de compaixão; afinal, existe no pior dos homens a imagem de Deus,

distorcida, embaçada, é verdade, mas está lá, debaixo de toneladas de lama e escombros, à espera de ser arrancada do abismo e trevas para a luz pelo Espírito.

Diferente do martírio que não se quer, daquele imposto e do qual não se pode fugir, por não haver outra opção, e resta submeter-se sem anuência, várias das personagens estão dispostas ao sacrifício, por escolha, vontade, decisão, em suprimir a si mesmas em prol do outro, o próximo. O mundo é feito de decisões, tanto para o bem quanto para o mal, e a depender de quem as examina, o resultado pode ser reconhecido ou não. Existem várias formas de se encarar certas situações que, porém, estarão contaminadas por esse ou aquele preconceito, por essa ou aquela fraqueza. Independente de qual seja a sua avaliação, sem um princípio fundamental e verdadeiro, até mesmo a atitude mais benevolente e desinteressada se tornará ridícula. E a verdade, muito mais do que uma opinião, é construída em base objetiva e não subjetiva.

Você já ouviu isso alguma vez?

Via de regra, movido por estímulos egoístas e hedonistas, o homem moderno pouco se interessa pelo próximo além daquilo que pode extrair dele e do qual se

beneficia, infelizmente. Não se satisfazer, ou melhor, desagradar-se, é algo quase inconcebível, se não a própria loucura. Quem não disse ou já ouviu: "importa eu ser feliz"?

Dickens reflete o evangelho, de que é possível haver paz no sofrimento, desde que seja o eflúvio a beneficiar quem se ama. Lembra-lhe Cristo e seu sacrifício?

A Revolução Francesa foi uma como tantas outras espalhadas na história. Trágica, cruel, hedionda, e a própria frase dos revolucionários: "Liberdade, igualdade e fraternidade, ou morte" (Sim, com o passar do tempo, o lema foi "dourado" a fim de não revelar toda a sua infâmia), demonstra o quão abjeto pode-se tornar um princípio, quando a vingança e reparação é o seu motriz. Por isso, deve-se sempre ter cuidado com exigências e garantias de direitos, especialmente históricas, onde a injustiça, violência e criminalização fatalmente trocarão apenas de lado.

Dickens está a nos revelar o homem tal como ele é, com seus medos, dúvidas, inseguranças e desejos. Nunca é fácil, ainda que algumas decisões pareçam ser, outras nem tanto, e haver aquelas quase impossíveis. Tomá-las mecanicamente, sem dilemas, é algo brutal e odioso,

pois sempre tenderá ao caminho mais fácil, nem sempre o correto e moralmente desejável. A resposta é: tenho paz? E a paz não significa necessariamente tranquilidade e conforto. Não. Significa encarar o problema e até mesmo sofrer. No final, não somente vale a pena, mas é o retrato da verdade, definido na frase: "Ninguém tem maior amor do que este, de dar alguém a sua vida pelos seus amigos." (Jo 15:13); pois, "o amor é sofredor, é benigno; o amor não é invejoso; o amor não trata com leviandade, não se ensoberbece. Não se porta com indecência, não busca os seus interesses, não se irrita, não suspeita mal; não folga com a injustiça, mas folga com a verdade; tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta. O amor nunca falha." (1º Coríntios 13: 4-8).

No cenário de caos, violência e morticínio, Carton experimentou a paz, mesmo com salpicos escarlate:

"Isto que faço, aqui e agora, é a melhor coisa que jamais fiz na vida. E o repouso para onde vou, bem melhor que qualquer repouso que eu tivesse algum dia conhecido neste mundo".

Nem mesmo o homem mais impiedoso e cruel resiste ao amor de Deus.

Novo Livro de Sammis Reachers



Disponível na Amazon

papo **CRISTÃO**

por Michel Salomão

Tenho um amigo de 67 anos que, recentemente, me confidenciou que está com medo de tudo. Como assim, medo de tudo? Medo. Medo. Medo de tudo: medo de adoecer, de morrer, de perder a memória, de ficar sozinho, de seus filhos serem sequestrados, dos comunistas invadirem a sua casa e confiscarem suas economias, e por isso entra em pânico por qualquer motivo, não consegue dormir direito e fica se sentindo cansado a maior parte do tempo.

É a chamada "síndrome do pânico", tão comum hoje em dia entre crianças, adolescentes, adultos e idosos, e tem a ver com a violência das cidades, com a falta de oportunidades de emprego, com a crise financeira, com a ausência de justiça, com a corrupção, com a competitividade negativa, com o bullying e com a solidão, o que faz com que as pessoas se recolham em seus particulares esconderijos.

Os cristãos não estão livres de passarem por problemas, nem de sentirem medo, ainda que cientes das promessas de Jesus de uma outra vida, que nos disse para não nos preocuparmos com o que vamos comer ou vestir, nem com o dia do amanhã, mas, ainda assim, a ansiedade é capaz de abalar as estruturas dos mais devotos fiéis.

Ele também disse que "neste mundo, tereis aflições". Ou seja: o cristão não está isento de sofrer, e suas orações podem não garantir o resultado imediatamente desejado. Mas Jesus complementou: "tende bom ânimo". Sabe o significado disso? Fé! Ter fé é acreditar no impossível. Tenha fé e fique em paz!





coluna do nelson **TRAMONTINA**



corte rápido

Nelson é nosso correspondente internacional em Tuvalu e, mesmo estando longe, consegue fazer seus "cortes rápidos", respondendo às perguntas dos leitores com comentários secos acerca dos costumes da sociedade e da situação do país em que viveu a maior parte de sua longa vida, até se tornar um respeitável e ranzinza aposentado e comentarista do tempo. E quase sempre acerta, quando palpita que vai chover.

Nelson, acho você grosso, misógino, presunçoso, preconceituoso, opressor, porco chauvinista e um velho escroto. É um péssimo exemplo para a nossa sociedade.

Nelson – Nossa, fiquei lisonjeado com esses elogios. Onde quer que eu rabisque o meu autógrafo? Na sua calcinha?

Nelson, estou com medo de postar as coisas nas Redes Sociais. Está sendo tudo censurado, e não sei exatamente o que pode desagradar ao nosso Grande Censor. Você acha que devo abandonar as minhas postagens?

Nelson – Pelo que me mostrou, posso concluir que são horivelmente desinteressantes. Pare já. Imediatamente.

O meu pai tem 79 anos e está namorando uma garota de 23. Agora estão dizendo que vão se casar. Você acha que eu devo apoiar essa relação?

Nelson – Você pode até estar pensando que ela está de olho no dinheiro dele, mas, na verdade, deve estar de olho também no SEU DINHEIRO. Ela vai querer ficar com tudo.

Aos 59 anos, depois de ficar casado durante 30 anos, ter seis filhos e 12 netos, descobri que sou gay. Acha que devo assumir?

Nelson - Você pode até assumir, mas, por favor, não me venha com esse negócio de usar vestidos floridos, brincos espalhafatosos, batom e blush, que nem aquele famoso cartunista brasileiro. Vai virar uma mulher muito desgraçada de feia.

Sou viciado em balas de goma. Como dezenas de pacotes por dia, e sinto que isso está afetando a minha saúde. As minhas fezes estão saindo "elásticas" e quase sempre tenho que cortá-las com uma tesoura de jardinagem.

Nelson - Você deveria comer diariamente alguns punhados de cimento, para que essa elasticidade seja aproveitada na indústria da construção civil, na projeção de estruturas de "arranhas-céus".